

ESTÍMULO À LEITURA: Veredas Encantadas de Descobertas

Alessandra Hilda Souza Farias Gomes¹

Natália Jennifer da Silva Oliveira²

Elisa Andrade Costa³

Resumo

Esta pesquisa apresenta reflexões sobre a importância do trabalho com a literatura em sala de aula que ultrapasse a leitura canônica, muitas vezes, considerada a única relevante de ser apresentada aos estudantes. Nesse contexto, no que diz respeito à literatura no ensino médio, os alunos precisam ler inúmeros autores consagrados, associando-os a correntes literárias e ao contexto histórico. Assim, percebe-se que, nem sempre, abre-se espaço às obras contemporâneas na grade curricular das escolas, tal como as obras que os alunos costumam ler por conta própria, ou seja, muitos livros não são exigidos em sala de aula, porque são mal vistos por muitos professores e críticos literários por não fazerem parte das obras consideradas de prestígio.

Palavras-chave: Cânone. Letramento. Literatura. Sala de aula.

STIMULUS TO READING: Enchanted Paths of Discovery

Abstract

This research presents reflections on the importance of working with literature in the classroom that goes beyond canonical reading, often considered the only relevant one to be presented to students. In this context, with regard to literature in high school, students need to read numerous renowned authors, associating them with literary trends and the historical context. Thus, it is clear that, not always, space is made available to contemporary works in the curriculum of schools, such as works that students usually read on their own, that is, books that are not required in the classroom

¹Graduanda em Letras pelo UGB/FERP.

²Graduanda em Letras pelo UGB/FERP.

³Mestra em Literatura Brasileira pela UFRJ.

and frowned upon by many professors and literary critics precisely because they are not part of the works considered prestigious.

Keywords: Canon. Literacy. Literature. Classroom.

Introdução

Apresentaremos, neste estudo, reflexões sobre a importância do trabalho com a literatura em sala de aula que ultrapasse a leitura canônica, muitas vezes, considerada a única relevante de ser apresentada aos estudantes. Nesse contexto, no que diz respeito à literatura no ensino médio, os alunos precisam dar conta de inúmeras bibliografias, autores consagrados, obras e correntes literárias, com a finalidade de aprender estilos dentro de cada época. Assim, é evidente que obras contemporâneas não possuem espaço na grade curricular das escolas, tal como as obras que os alunos costumam ler por conta própria, ou seja, muitos livros não são exigidos em sala de aula porque não são bem vistos por professores e críticos literários. Além disso, quando ensinadas de forma mecânica, muitas obras podem se mostrar distantes do interesse dos jovens, que tendem a ignorá-las por considerá-las difíceis. Criou-se uma barreira grande entre os jovens e a literatura, o que precisa ser desmistificado para que o ato de ler e escrever se torne mais atrativo não somente na vida escolar, mas para toda vida.

Buscamos reafirmar a importância da literatura, desde as obras mais consagradas até as mais independentes e atuais. É importante desconstruir o mito de que existe literatura boa e literatura ruim, a fim de perceber que livros como best-seller são tão importantes quanto obras canônicas para todos os tipos de leitores. Dessa forma, observamos a importância do letramento literário como solução ao preconceito que rodeia a prática escolar, pois por meio dele se trabalham textos diversificados isento de preocupação com o valor dado a eles pelos críticos da área.

A maneira como se estudam obras consagradas, em boa parte das vezes, resume-se à memorização de regras e de características, o que não condiz com a natureza do trabalho com leitura. Segundo Antonio Candido (2011),

[...] a literatura é a manifestação universal de todos os homens em todos os tempos, sendo impossível a existência de um ser humano ou de uma civilização sem ela, uma vez que é impossível se viver sem o ato de sonhar, pensar e fabular. Assim a literatura assume o papel de sonho acordado das civilizações. Ou seja, a capacidade de criação ficcional está presente no dia a dia de todo indivíduo analfabeto ou erudito, logo a literatura em todos os seus níveis e modalidades está presente em todos. Sendo assim, a literatura é um fator indispensável de humanização e, com isso, confirma o homem na sua humanidade. (CANDIDO,2011, p. 177)

Desse modo, entendemos que o trabalho com tal disciplina deve ser a extensão dessa necessidade humana de que trata Candido, pois narrativas ficcionais fazem parte do cotidiano do sujeito desde seu nascimento, independentemente de seu grau de escolaridade. No entanto, o ensino de literatura nas escolas brasileiras ainda está em construção, por isso há grandes desafios. Outro fator crucial é a formação dos professores para ensinar literatura. A teórica Luzia de Maria (2009) em seu livro “*O clube do livro – ser leitor – que diferença faz?*”, atenta-nos ao fato de que muitos profissionais da área de educação vêm misturando por anos – assim como em sua própria formação para professores – língua e literatura no ensino médio. Se é justamente o impacto emocional que as obras carregam consigo que as tornam diferentes dos outros assuntos dentro das disciplinas de línguas, por que em vez de possibilitar para os alunos o contato direto com grandes obras, eles são aprisionados à história da literatura sistematizada? Segundo Cosson, para ir além dos conceitos, o letramento literário pode despertar o interesse dos discentes, visto que:

[...] busca formar uma comunidade de leitores que, como toda comunidade, saiba reconhecer os laços que unem seus membros no espaço e no tempo. Uma comunidade que se constrói em sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e ao conjunto deles uma maneira própria de ver e viver o mundo. (COSSON,2018, p. 12)

Então, os laços que se constroem por meio do ato de ler tornam-se significativos a um grupo como parte da vivência, não apenas como obrigação com fins de avaliação e nota. Para corpus de análise, usaremos conceitos de teóricos da

área de literatura e de letramento literário, a fim de contribuir com a reflexões que permitam nortear a prática docente no ensino da disciplina em questão.

Formação de leitores e diversidade de leituras

Para alguns, a literatura é conceituada a partir do modo excêntrico da escrita, por isso sua relevância está na valorização da obra, o que, por consequência, causa os diversos “estranhamentos” na linguagem. Para outros, ela se destaca por aguçar a imaginação. Além disso, acrescenta-se a definição feita pelo próprio leitor, que avalia o texto da forma subjetiva. Moisés (2002) comprova que as várias definições não são definitivas nem únicas:

Literatura: problema fulcral e permanente, situado na base de todas as controvérsias críticas e teorias, o conceito de “literatura” tem sido amplamente examinado, sem conduzir a resultados definitivos. É crer que continue a oferecer resistência, na medida em que a própria atividade literária segue um incessante progresso cumulativo. Provavelmente em razão dessa capacidade fecunda de renovar-se a um só tempo com os artefatos que busca denominar, o conceito de “literatura” está implícito, de forma sistemática e persistente, em todas as polêmicas doutrinárias e em todos os escritos críticos: parece fora de dúvida que os desentendimentos principiam e terminam na noção de “literatura”. (p. 310)

Apesar de estar ligada a uma língua que lhe serve de suporte, a literatura não se encontra limitada ao idioma e a suas regras normativas. Pelo contrário, faz uso livre dessa língua, podendo subvertê-la em diversos aspectos. Nesse sentido, Candido (2000) afirma que “a literatura é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores, e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a.” (p. 68) Desse modo, podemos compreender que o texto literário possibilita a ampliação do olhar crítico em torno do cotidiano, bem como desenvolve a imaginação por meio das histórias que despertam sonhos e emocionam em vários momentos.

Contemporaneamente, é possível identificar a diversidade de gostos por obras pouco ou muito conhecidas. Isso nos leva a questionar o porquê de parcela do público não apreciar a leitura de livros considerados de grande valor para críticos e intelectuais. Trata-se da familiaridade com os variados gêneros que consistem no próprio domínio da situação comunicativa do indivíduo. Sendo assim, cada leitor tem um gênero de sua preferência. Conforme Koch e Elias (2017), “todos nós, falantes/ouvintes/leitores, construímos, ao longo de nossa existência, uma competência metagenérica, que diz respeito ao conhecimento de gêneros textuais, sua caracterização e função”. (p. 54) É essa competência que orienta, por um lado, a leitura e compreensão de textos, por isso deve ser estimulada desde o contato com as primeiras leituras. Entende-se, nessa linha, que o ensino de literatura é essencial à construção de conhecimento acerca do mundo ao redor. Por isso, para Cosson (2018):

[...] é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o completo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno (COSSON, 2018, p.47- 48)

Observamos, mais uma vez, que um dos inúmeros motivos para o fracasso da maneira como a literatura é inserida na disciplina de Língua Portuguesa é o não desenvolvimento das competências leitoras, uma vez que os próprios profissionais da área nem sempre veem a literatura como uma ferramenta funcional que proporcione conteúdos específicos ou instrumentais. Por isso, existem aqueles que seguem a tradição de usá-la para fins gramaticais ou resumi-la em correntes literárias e temporais.

Por outro lado, vale ressaltar além do despreparo de muitos docentes nessa área, ainda há os livros didáticos que, em boa parte, engessam o ensino da disciplina. Embora haja progresso nesse material utilizado em sala ao se compará-los com o que já foi utilizado no século XX, por exemplo, ainda está presente a apresentação da literatura sem contextualização que aproxime o estudante. Inicia-se, como ilustração, com conceitos do que seja literatura. Após esse passo, o Trovadorismo é introduzido como primeiro estilo de língua portuguesa registrado. Várias cantigas são analisadas

em seus aspectos estruturais, ligados à caracterização de cada tipo. Nem sempre há discussões sobre a visão de mundo presente nesses poemas sobre o papel da mulher, tão submissa, sempre lamentosa pela perda do amigo (namorado) ou endeusada como inacessível e sagrada pelas cantigas de amor. Um olhar crítico sobre as cantigas satíricas, também, poderia ser associado aos tipos de bullying existentes hoje. Discussões sobre aspectos do passado que se repetem em novos formatos no presente são maneiras de estimular a leitura tanto dos textos antigos quanto dos novos, fazendo associações entre os diversos gêneros: romances, poemas, crônicas, contos, inclusive, textos que circulam nos meios digitais.

Em contrapartida, em diversos casos, o texto é usado como pretexto, visto que figura como pano de fundo para que estruturas gramaticais sejam exploradas. Sabemos que fazer lista de palavras, identificar classes morfológicas em frases soltas não é suficiente para se aprender “português”. Essa ideia já se faz errada pelo fato de que esse português imposto é regado de estigmas e de lacunas que a gramática tradicional não dá conta. Além disso, ainda existe a falsa crença de que dominando tais competências exigidas pela gramática tradicional, o indivíduo será capaz de falar, ler e escrever bem.

O ensino significativo será alcançado a partir do apoio de textos literários, mas como exemplificadores das diversas possibilidades de usos que revelam o dinamismo da língua. Entretanto, isso nem sempre é feito da maneira adequada. Um exemplo se encontra na “*Gramática em Textos*”, da Editora Moderna (São Paulo), 1ª edição de 2002, da autora Leila Luar Sarmiento. Em uma determinada atividade, no capítulo 7, páginas 198 e 199, apresenta-se um trecho de *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, que propõe análise sintática. Apenas as duas primeiras alternativas são direcionadas à interpretação e, ainda assim, sem aprofundamento do trecho. Essa modalidade de questão, comum em várias obras, não propõe reflexão e discussão sobre o tema, mas a análise das funções sintáticas dos pronomes relativos existentes no trecho intitulado “*O professor*”. Vejamos que o aluno perde a oportunidade de trabalhar o contexto da obra como, por exemplo, pensar sobre a época quando foi escrita, qual o impacto social em seu tempo de publicação, bem como sua atualização em termos temáticos, pois a existência de meninos moradores de rua ainda é forte no país. Haveria, por

meio desse excerto, possibilidade de se instigar a leitura de toda a narrativa a ser combinada com os estudantes a fim de futuro debate, em conciliação com outros gêneros textuais, como notícias e reportagens, sobre a condição em que se encontram meninos em situação de rua na contemporaneidade.

Diante da proposta analisada na gramática referida, algumas questões devem ser pensadas: que concepção de linguagem e sentido está subjacente? Que acréscimo ao entendimento do assunto há, quando apenas se retiram pronomes do texto para classificá-los? Quais as funções os pronomes têm fora do texto? E o mais importante: o que foi trabalhado a respeito do texto? Concluímos que temos, nesse caso, um texto totalmente ignorado e usado indevidamente como fundo para análise gramatical. Empobreceu-se o ensino da gramática e da literatura, quando poderiam se associar para a construção tanto dos debates em torno da significação da obra quanto do uso da língua na prática dos falantes inseridos na narrativa.

É importante chamar atenção para a problemática que enfrentamos há anos devido ao ensino tradicional e fortemente preconceituoso que busca dizer o que é certo e errado, o que vale a pena ser lido e o que não vale. Ora, compreende-se que não se pode ensinar gramática com o uso de frases soltas desprovidas de contextualização, nem com atividades vazias de sentido ao uso cotidiano e aplicação prática nas situações comunicativas.

Chegamos à principal questão que trata sobre como formar bons leitores e escritores, bem como formar pessoas que dominem os distintos e possíveis usos do português, tanto na fala quanto na escrita. A ideia de que somente a gramática é suficiente para desenvolver bons falantes da língua portuguesa não se sustenta, pois sabemos que a gramática precisa da literatura, porém o ensino de literatura como disciplina não deve ser resumido apenas para fins gramaticais. Levando-se em consideração que toda ação de linguagem é realizada conjuntamente, Faraco e Tezza (2003) afirmam que “quando usamos a linguagem, nós somos nós mesmos mais a pessoa que nos ouve ou nos lê”. (p.130) Dessa forma, o professor pode trabalhar conjuntamente com seus alunos, desde que eles compreendam o sentido dos conteúdos didáticos associados na construção de saberes múltiplos por meio de leitura, interpretação e análise linguística em contextos diversos.

A importância da literatura na formação do indivíduo

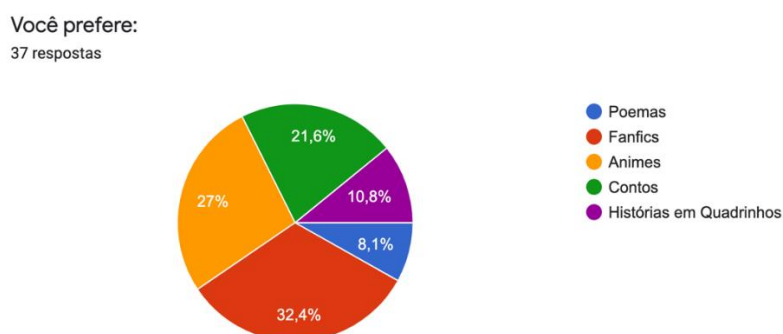
Segundo Bettelheim (1981), “a aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida”. (p.12) Ler é algo extremamente complexo e único para cada indivíduo de acordo com suas capacidades cognitivas mediante ao seu conhecimento de mundo. Por conseguinte, é fundamental que o leitor construa a ligação com o texto literário e sua intenção comunicativa, a fim de conseguir contemplá-lo por completo. Antônio Candido (2011) afirma que “a literatura deveria ser um direito básico de todo indivíduo, uma vez que a ficção/fabulação atua diretamente na formação de cada um”. Entendemos, assim, a necessidade contínua do trabalho com literatura para o desenvolvimento do indivíduo. Uma única obra lida pode permitir ilimitadas interpretações e sensações, bem como abrir um leque infinito de possibilidades dentro de um único universo cercado de outros milhares de universos. Ademais, o leitor pode se envolver emocionalmente, pois “[...] o impacto indiscriminado da própria vida que educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras [...]” (CANDIDO, 1972, p. 4), permite sentir prazer, alegria, empatia, esperança, medo, tristeza, comoção, entre outros sentimentos. Então, reduzir a análise de obras literárias a aspectos estruturais, configura-se como:

[...] fragmentação dos conhecimentos, a redundância excessiva de tópicos, a dispersão do processo de aprendizagem, produzido por um círculo vicioso em que os mesmos conteúdos são permanentemente ensinados e nunca aprendidos (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 36).

Desse modo, torna-se mais difícil desenvolver o hábito de leitura, visto que o excesso de teoria afasta o discente da disciplina. Logo, compete à escola modificar esse cenário, dar espaço para que os alunos se sintam à vontade ao opinarem sobre as obras estudadas e os livros que leem por conta própria, fora do ambiente escolar. É importante que mostrem os tipos de literatura de que mais gostam e que isso seja usado como uma ferramenta para a sua formação.

Em uma entrevista feita com alunos da 1ª série do Ensino Médio, do Colégio de Aplicação do UGB-FERP, na cidade de Volta Redonda, pertencente ao estado do Rio de Janeiro, é possível identificar a prática leitora dos estudantes. Interessante observar que as preferências elencadas por eles, nem sempre ganham espaço em sala de aula:

Figura 1. Entrevista realizada com alunos do CAP



Fonte: Pesquisa do Autor

O gráfico mostra o destaque pela leitura de fanfics, animes e contos. Os animes e fanfics não são, geralmente, contemplados pela prática docente, mas vêm ganhando espaço entre os adolescentes nas últimas décadas. São gêneros que podem ser utilizados como motivadores à chegada de obras, consideradas canônicas. Em suma, a escola deveria acolher o que os alunos trazem de fora, trabalhar obras contemporâneas, relacioná-las a obras antigas, estudar as mudanças e os vocábulos, incentivar os leitores a escreverem. Cabe à instituição de ensino desenvolver o letramento literário, já que “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo” (COSSON, 2014, p. 20).

Quando analisamos as definições da palavra “preconceito”, temos a representação de um julgamento ou opinião depreciativa e, muitas vezes, afrontosa, que não possui dados objetivos ou justificáveis. No campo da literatura, essa avaliação depreciativa se direciona às obras não consideradas canônicas. No entanto,

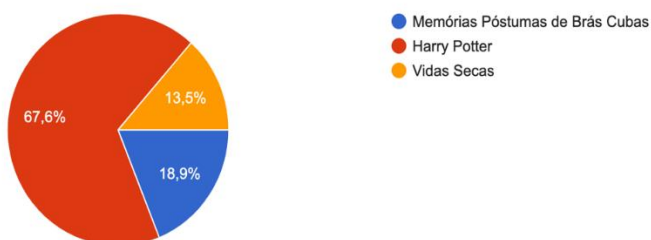
tal julgamento tem passado despercebido devido à cultura de que o brasileiro não tem hábito de leitura:

A discrepância entre as preferências do público e os modelos de leitura, difundidos pela escola e pelos homens eruditos, podem ter contribuído para a difusão da ideia de que os brasileiros não se interessavam pela leitura. Se havia algum desinteresse, ele era dirigido para um tipo peculiar de texto e não para o conjunto das obras de belas letras. Esta mesma discrepância indica a necessidade de que se repensem algumas ideias, assentes sobre a repercussão inicial de obras hoje consideradas canônicas e levanta suspeitas interessantes sobre a relevância de obras atualmente tidas como “menores” para a circulação de ideias e para a produção literária entre fins do século XVIII e início do XIX. (ABREU, 1999, p. 233)

Essa divergência, então, consolida o entendimento de que os jovens não gostam de ler ou de que preferem literatura ruim, sem valor estético. A entrevista com os alunos do ensino médio também nos leva a refletir sobre tal problema:

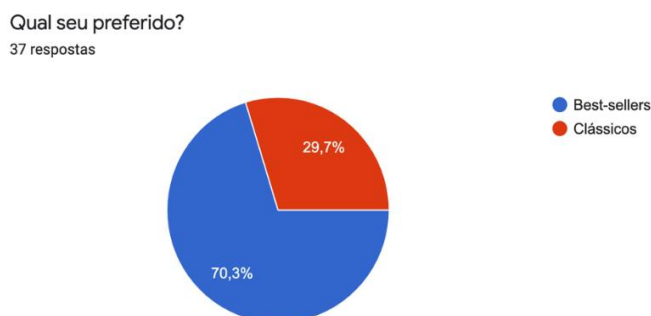
Figura 2. Entrevista realizada com alunos do CAP

Qual desses três livros você já leu?
37 respostas



Fonte: Pesquisa do Autor

Figura 3. Entrevista realizada com alunos do CAP



Fonte: Pesquisa do Autor

A maioria afirma ter lido Harry Potter, obra aclamada pelos jovens, porém, desconsiderada por docentes e críticos. O preconceito literário nasce da idealização de que existe a literatura boa – que são os clássicos canônicos – e que existe a “literatura ruim” que se resume a best-sellers, fanfics e muitas obras atuais. Os conservadores insistem em afirmar que o bom leitor é aquele que só consome os clássicos e que ler livros que não pertencem à linhagem tradicional não contribui para a formação leitora. Por meio do letramento literário, é possível partir da preferência dos alunos a fim de incentivar o hábito e, posteriormente, chegar-se à leitura dos clássicos. Quando se desenvolve o hábito de ler, é possível encontrar, em qualquer obra, a beleza de sua escrita e fazer comparações com outras histórias. Esse é o papel fundamental da arte: encantar o interlocutor, promovendo reflexões acerca de seu mundo interior e exterior. A avaliação em termos de valor estético cabe ao crítico literário, mas a escola precisa superar esses julgamentos, caso deseje realmente inserir cada estudante no mundo da literatura sem que isso se torne uma obrigação.

Tempo e literatura

Edgar Allan Poe, em vida, recebeu pouca atenção e, após a morte, suas obras foram consideradas clássicas e são estudadas até hoje, sendo ele considerado um dos maiores autores de todos os tempos. Franz Kafka, por sua vez, autor de “A

metamorfose”, que se tornou um clássico e referência para diversas áreas de estudo, como a psicologia não teve reconhecimento em sua época. No Brasil, entre outros autores que apenas posteriormente foram reconhecidos, encontra-se Augusto dos Anjos, grande poeta. Em sua época os escritos foram considerados de mal gosto e antiartísticos devido ao estilo diferenciado do que se praticava então. Décadas à frente, contudo, foi reconhecido como poeta ímpar e já antecipador da modernidade pelos recursos usados em suas produções.

Hoje, obras como *Harry Potter* (2000), de J.K Rowling, *Jogos Vorazes* (2008), de Suzanne Collins, *Percy Jackson* (2008), de Rick Riordan, *Crepúsculo* (2008), de Stephenie Meyere, *A Menina que Roubava Livros* (2005), de Markus Zusak e *As Vantagens de Ser Invisível* (1999), de Stephen Chbosky, destacam-se como sucesso pela recepção de leitores. É válido repensar o espaço de cada uma também na sala de aula, pois no futuro podem revelar aspectos que o olhar atual ainda não percebe. Se têm um grande público, possuem o valor de seduzir ao mundo ficcional e isso não pode ser desconsiderado. Segundo Cosson (2018),

[...] ao lermos um texto literário, obtemos muito mais que informações sobre a história narrada, é por isso que o conhecimento dessas informações não garante a leitura do texto. A leitura do texto literário, como já observamos antes, é uma experiência única e, como tal, não pode ser vivida vicariamente” [...] (p. 63)

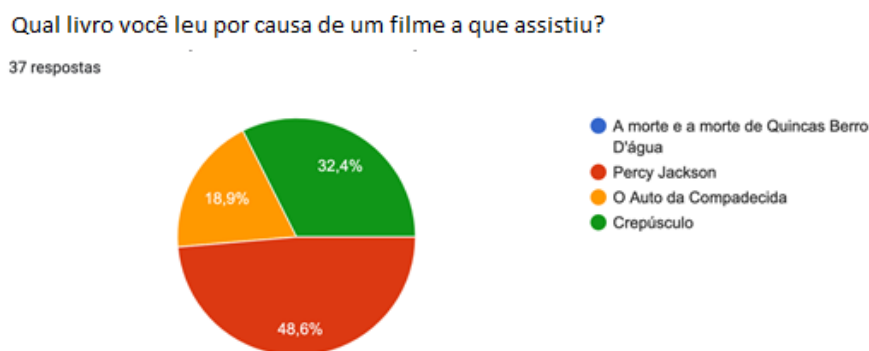
Como é parte de experiência pessoal, não é possível que apenas um conjunto de obras selecionadas seja direcionado à leitura. A vivência vai construindo o olhar crítico do estudante de acordo com as obras que lê, permitindo que ele selecione preferências. Ainda assim, não descartamos a importância de estudar e ler os clássicos. A questão é justamente que o ponto de partida seja do repertório já conhecido pelos jovens para que encarem o desafio de conhecer obras diferentes do que leem para que possam comparar e emitir opiniões. Em sala de aula, como há um grupo maior, as partilhas em torno das obras lidas e analisadas são enriquecedoras, pois demonstram várias perspectivas. Por esse motivo, estão se tornando comuns os grupos de leitura de forma presencial ou virtual que geram discussões em torno de

obras lidas e desencadeiam o desejo de conhecer outras para que sejam novamente discutidas. O ambiente escolar não deve ser muito diferente, visto que é responsável por promover a formação de leitores que continuarão a prática mesmo após terminarem os estudos.

A leitura no século XXI

No último século, é inegável que a humanidade se mostra mais receptiva ao novo. O respeito pela diferença ganha mais espaço. O preconceito, em contrapartida, é visto com maus olhos, ainda que se faça latente na sociedade acerca de vários temas. Por questões políticas e sociais, o Brasil, como um país em desenvolvimento, caminha a passos lentos para mudar costumes e tradições errôneas herdadas desde nossa colonização. Apesar de não termos muito investimento em programas que incentivem a leitura, o ato de ler no Brasil ganhou mais força no último século. Ler deixou de ser apenas para os da classe prestigiada e passou a ser mais acessível. Embora haja ainda muitos desafios para que se atinja o ideal, em termos de quantidade de leitores no país, com a ajuda dos meios de comunicação e fácil acesso a mídias digitais, cresce o número dos que se interessam em ler um livro quando veem um filme ou uma série inspirada em alguma obra literária:

Figura 4. Entrevista com alunos do CAP



Fonte: Pesquisa do Autor

Mais uma vez, na entrevista aos estudantes de ensino médio, destaca-se o best-seller como interessante por sua dinâmica narrativa e situações que cativam. Contudo, quando esse tipo de leitor se depara com a afirmação, por parte de professores, de que sua preferência é considerada de pouco valor dentro do universo literário, há um questionamento sobre o gosto pessoal, o que pode contribuir para desmotivá-lo em seu percurso. Segundo Terra (2014),

Como todo texto, a obra literária pressupõe a interação entre um produtor e um leitor ou ouvinte que constrói sentido do texto e atribui a ele um valor. Como a leitura é um ato individual, o valor que cada leitor/ouvinte atribui à obra é variável [...] (p. 30).

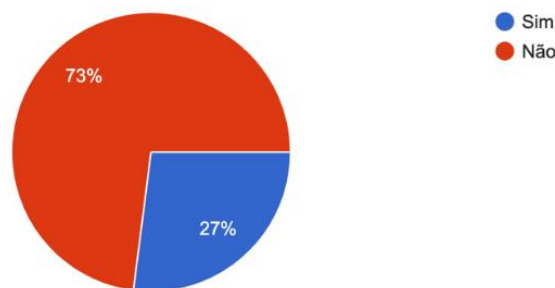
Cosson (2016), acrescenta que a motivação é fundamental para que o leitor seja capaz de consumir um texto:

[...] é preciso lembrar que a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia com o texto nem o leitor. É preciso confiar mais em ambos, sobretudo quando tratamos de leitura literária. Naturalmente, a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura (p. 56).

Essa determinação feita, muitas vezes pela escola, anula o leitor iniciante que, ao se deparar com textos distanciados de sua realidade, opta por abandonar a leitura. Para confirmar tal reflexão, na entrevista aos estudantes, observamos a resistência em aceitar a leitura indicada por professores:

Figura 5: Entrevista com alunos do CAP

Você lê livros recomendados na aula de literatura?
37 respostas



Fonte: Pesquisa do Autor

Assim, compreende-se a necessidade de mudanças no ensino de literatura que acompanhe a dinâmica contemporânea que não aceita mais que obras sejam encaixadas como inferiores ou superiores. Todas devem ser consideradas importantes e o leitor é que avaliará de acordo com seu entendimento e subjetividade o que lhe agrada mais. O essencial é, sem dúvida, que haja o despertar do desejo de ler várias obras e que isso se perpetue pela existência.

A literatura no Brasil

Nosso país é carregado de contradições, desde nossa cultura à nossa educação. Ainda somos um povo que lê pouco. O ato de comprar um livro é quase raridade. As escolas buscam formar leitores, mas falham em sua maioria. Os adultos não leem. Somando todos esses agravantes, precisamos entender que o preconceito só tende a piorar nossa situação. Em 2015, de acordo com o jornal “O Globo”, tivemos a estimativa de leitura no país de 4 livros por pessoa em um ano. De acordo com a pesquisa “*Retratos de leitura no Brasil*”, o país perdeu 4,6 milhões de leitores entre 2015 e 2019. O levantamento, feito pelo Instituto Pró-Livro, em parceria com o Itaú

Cultura, foi realizado em 208 municípios de 26 estados entre outubro de 2019 e janeiro de 2020. Ainda conforme a pesquisa, pouco mais da metade dos brasileiros tem o hábito de leitura, cerca de 52% (ou 100,1 milhões de pessoas). O resultado é 4% menor do que o registrado em 2015, quando a porcentagem de leitores no país era de 56%.

Gráfico 1. Brasil perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos



Base: Leitores de literatura independentemente do meio 2019 (4894)

LT1) Como o(a) sr.(a) começou a se interessar por literatura como contos, crônicas, romance ou poesia? (RU)

Fonte: Pesquisa do Autor

Para os parâmetros sociais, esses números são baixos quando comparados a outros países. Quando comparamos o Brasil com países de primeiro mundo como os Estados Unidos, podemos notar que atualmente grande parte da literatura consumida aqui vem de lá e, assim, somos fortemente influenciados pela cultura norte-americana. Independe de se consumirem ou não obras de prestígio, somos um país que carece da prática de ler. Outra questão com que nos deparamos é que, ao falar de obras canônicas, estamos nos pautando da perspectiva de intelectuais da área e quando falamos de obras populares estamos dando espaço para a população média baixa do país. Essa população média baixa – jovens leitores e adultos – em sua maioria, não conseguem dar continuidade a uma leitura quando esta possui linguagem densa e

difícil ou até mesmo por se tratar de um contexto que se faz distante do seu conhecimento de mundo. Como afirma Cosson (2018):

Ler implica troca de sentidos não só entre escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. (p. 27)

O best-seller, nesse cenário, apresenta-se como possível ponte ao mundo literário, visto que a linguagem é, geralmente, fácil e fluida. O acesso é dinâmico, pois existem sites com preços acessíveis em versão física ou digital, bem como a disponibilidade em pdf gratuito compartilhado por leitores que desejam dividir experiências. Temos, também, a contribuição do audiovisual que chama atenção de muitos. Existem Best-sellers que tratam de assuntos sérios e sempre atuais como é o caso de *Jogos Vorazes* (2008), no qual a protagonista vive em um distrito pobre junto de outros distritos também pobres dominados e escravizados por uma capital fascista e autoritária. Logo, há representação de uma sociedade que sofre devido a questões políticas e sociais de desigualdade e miséria.

Outro ponto importante é a intertextualidade, que faz parte de vários best-sellers, como é o caso de *Crepúsculo* (2008), no qual é citado “*O Morro dos Ventos Uivantes*” e “*Romeu e Julieta*”, entre outros. Em *As Vantagens de Ser Invisível* (1999), o protagonista Charlie tem grande interesse por música, artes e principalmente por livros e, no decorrer da história, ele fala sobre diversas obras e sobre sua opinião a respeito delas. Desse modo, ele vai elencando títulos importantes como *Uma Ilha de Paz* (John Knowles), *Walden* (H.D. Thoreau), *O Sol é para Todos* (Heper Lee), *Peter Pan* (J. M. Barrie), *A Nascente* (Ayn Rand), *Hamlet* (William Shakespeare), *Almoço Nu* (William S. Burroughs), *Este Lado do Paraíso* (F. Scott Fitzgerald), *On The Road, Pé na Estrada* (Jack Kerouac), *O Estrangeiro* (Albert Camus) e *O Apanhador do Campo de Centeio* (J. D. Salinger).

Esses diálogos provam que o best-seller pode ser a porta de entrada para o universo literário, já o indivíduo que começa lendo livros casuais como esses citados logo passará a se aventurar em clássicos consagrados. Esses leitores, com certeza, fazem da leitura prática diária em suas vidas e, por isso, buscarão ampliar os

horizontes literários. Como todas as competências na vida, precisamos da prática para nos aperfeiçoamos. Começamos com os Best-sellers e, quando menos esperarmos, estaremos navegando por obras complexas de Guimarães Rosa, Machado de Assis, Vladimir Nabokov, Júlio Cortázar, Herman Melville entre outros autores. Nesse sentido, torna-se interessante a reflexão de Mindlin (1999) sobre o universo leitor:

Sempre defendi a tese de que o livro foi feito para a gente, não a gente para o livro. Não existem regras rígidas que possam ser estabelecidas e, menos ainda, obedecidas, indicando o que deve e o que não deve ser lido. É uma questão de gosto e de interesse pessoal: o mundo da leitura deve ser um mundo de liberdade intelectual. Eu não tenho a menor hesitação em pegar um livro de Agatha Christie depois de ter lido uma peça de Shakespeare. O contraste existe, mas não é pecado, nem sequer pecado venial [...]. (p. 104)

Esse contraste é que permite o amadurecimento de quem lê, pois vai percebendo, as diversas estratégias de escrita por vários autores e se torna capaz de avaliar e compreender o propósito de cada história.

Letramento literário: um caminho possível

Aprender a ler, aprender a escrever, aprender a escutar e aprender a falar. A partir do nascimento, vivemos em constante aprendizagem que nos leva compreender a existência do mundo que nos cerca. Vejamos que pelas definições de conhecimento – ato de perceber ou de compreender, por meio da razão e da experiência, ou mais exatamente, ato de conhecer – concordaremos com a ideia de que a literatura é fonte inesgotável de aprendizagem contínua. Todo o corpo de informações que recebemos no meio literário é introduzido pelo letramento que obtemos ao longo da nossa aquisição da habilidade de ler e escrever. Rildo Cosson (2018), ao elaborar diversos estudos sobre a aquisição da leitura, relata que a “literatura é uma linguagem que compreende três tipos: a aprendizagem da literatura” como aquela em que experimentamos o mundo pela imaginação com base nas palavras, “a aprendizagem sobre literatura”, que envolve a abordagem histórica e teórica da obra e, por último, “a

aprendizagem por meio da literatura” (p.47), que adquirimos a partir da prática da leitura diária. Essa visão sobre o campo literário e suas diversas particularidades é que forma a cognição de um indivíduo, fazendo que este possa inserir-se em sua comunidade, isto é, a partir do processo cognitivo, o ser humano consegue desenvolver suas capacidades intelectuais e emocionais, como a linguagem, pensamento, memória, raciocínio, capacidade de compreensão e percepção. Cosson (2018), dessa maneira, afirma que a leitura é:

[...] o resultado de uma série de convenções que uma comunidade estabelece para a comunicação entre seus membros e fora dela. Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além do possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas. (COSSON, 2018, p. 40)

Este aspecto apresentado por Cosson nos leva a refletir sobre a importância da literatura na construção do conhecimento. Para que se efetive o ensino de qualidade nessa disciplina, entendemos que o letramento literário é fundamental para a formação do indivíduo, porque estimulará o aperfeiçoamento da leitura e da escrita. Desse modo, Soares (2009) discorre sobre como estas habilidades desenvolvidas a partir de uma boa leitura, podem transcorrer no “efetivo uso da vida cotidiana”:

[...] o letramento vai além da leitura como decifração do código, (a chamada leitura mecânica), considerando letrado aquele que compreende, assimila, busca sentido e relaciona textos entre si, e que faz uso efetivo dessas habilidades na sua vida em sociedade. Esta nova noção passou a ser entendida como condição para além do saber ler e escrever; compreende a incorporação dos saberes no viver de cada indivíduo. (p. 39)

Portanto, é primordial a constatação de que o trabalho com a formação do leitor vai além do aproveitamento de textos apenas como exploração gramatical ou de características de estilo de época. A significação presente nos textos literários resulta da visão expressa pelo homem acerca do mundo que o cerca que será repassada e ressignificada a cada leitura. Certamente, essa ressignificação será responsável pela

incorporação de conhecimentos novos, conforme Soares afirma, além de colaborar na vivência cotidiana como fonte de experiências múltiplas compartilhadas a cada obra com o leitor.

Considerações finais

Ler é desenvolver a habilidade de construir outros mundos, paralelos aos nossos, com outras pessoas que passam por situações variadas. A afinidade com as diversas personagens que vão se acumulando, no mundo de quem lê, intensifica a capacidade de empatia, visto que cada história é vivenciada com intensidade e emoção. Viajar é possível ao passar de páginas e o bom viajante não se contenta em conhecer apenas um lugar. Quer sempre mais e, por isso, trilha cenários mágicos que sempre deixam mensagens e ensinamentos úteis à vivência cotidiana. Logo, compactar toda a riqueza literária em apenas teorias sobre valor estético e características da escrita de época, apaga o brilho que o ato da leitura resplende.

A partir de análise bibliográfica e da observação da prática de atividade em gramáticas e livros didáticos, então, compreendemos a importância de adequação do ensino de literatura a fim de formar leitores. Para isso, o letramento é um dos caminhos, visto que incentiva, por meio de propostas significativas, o interesse pela leitura. Dessa forma, é essencial que haja mudança do quadro estatístico de leitores brasileiros que ainda se configura baixo. Apenas a partir de visão crítica de mundo é que se luta por um país melhor e isso, certamente, conquista-se pelo conhecimento através da literatura.

Referências

ABREU, Márcia (Org). **Coleção História de Leitura: Leitura, História e História da Leitura.** Fapesp. Campinas - SP. Editora Mercado das Letras, 1999.

_____. **Cultura Letrada: Literatura e Leitura.** São Paulo – SP. Editora Unesp, 2006.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem.** São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

_____. **Literatura e sociedade.** In: _____. *Grandes nomes do pensamento brasileiro.* 8. ed. São Paulo: Folha de São Paulo/Publifolha, 2000.

_____. **O direito à literatura.** In: _____. *Vários Escritos.* 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

G1. **Brasil perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos, com queda puxada por mais ricos.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/09/11/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos-com-queda-puxada-por-mais-ricos.ghtml>> Acesso em: 10 set. 2021.

KOCH, Ingedore Villaça.; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: Estratégias de Produção Textual.** 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

MARIA, Luzia de. **O clube do livro - Ser leitor- que diferença faz?** São Paulo: Editora Globo, 2009.

MINDLIN, José. Capítulo: O Bibliófilo e a Leitura in: ABREU, Márcia (Org), **Coleção História de Leitura, – Leitura, História e História da Leitura.** Fapesp. Campinas - SP. Editora Mercado das Letras, 1999.

MOISES, Massaud. **A análise literária.** 13 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

SARMENTO, Leila Lauar. **Gramática em textos.** 1 ed. São Paulo- SP: Editora Moderna Ltda, 2002.

SOARES, Magda. **Letramento**: Um tema em três gêneros. 3 ed Belo Horizonte-MG: Editora Autêntica, 2009.